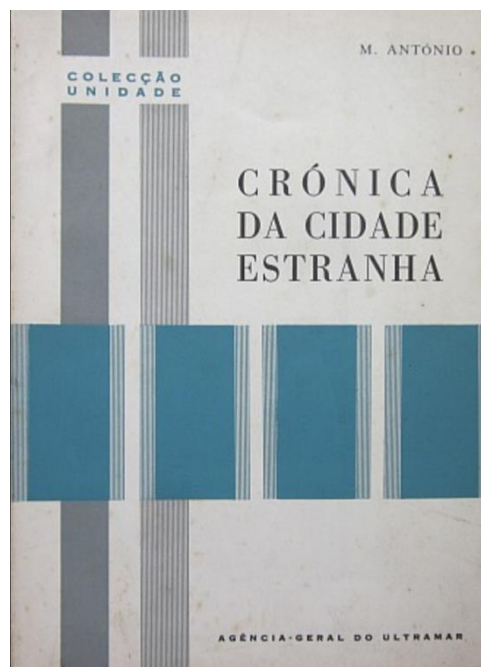


## ***Crónica da cidade estranha* de M. António**

Ana T. Rocha



M. António, prosador, poeta e intelectual importante da História da Literatura e Cultura Angolanas, assinou, em 1964, o livro *Crónica da cidade estranha*, publicado pela Agência Geral do Ultramar (Lisboa).

A cidade descrita, na sua diversidade humana e paisagística, é a Luanda colonial, sob a perspetiva de um sujeito jovem que observa e questiona as características e as alterações várias manifestas no espaço.

As histórias incluídas neste volume apresentam-nos personagens de idades, géneros, classes e raças diferentes, dando, ao leitor, a ampla imagem de uma cidade que se constrói, todos os dias, na velocidade que implica o pragmatismo e o imprevisto necessários para fazer face às mudanças causadas por um sistema opressor, desorganizado e condenado.

Com um tom de análise crítica, o autor acusa as injustiças sociais provenientes desse sistema, que se fundamenta, essencialmente, numa hierarquia racial, e desconstrói as identidades das personagens para, depois, as reconstruir colocando em valor a identidade e a realidade angolanas, como acontece, por exemplo, no capítulo VI, na história do professor Manuel que explica à turma a importância de privilegiar, nas suas composições, as imagens observadas, vividas e conhecidas em detrimento do relato vazio sobre elementos ignorados e pertencentes a outros espaços, culturas e discursos: “(...) a escrita é a imagem da vida”.

Tal como fez, por exemplo, Arnaldo Santos, no seu *Quinaxixe*, também M. António expôs o pensamento e a formação da consciência de um jovem indivíduo angolano face à realidade social e política que o circundava e na qual se inseria. Contudo, M. António fê-lo através de um estilo literário que se distingue, aqui, do dos seus pares, usando uma prosa que só recorre à oralidade nas falas das personagens, num discurso límpido e bem organizado, que resulta num tom seguro e sereno do intelectual na sua apresentação dos elementos expostos. Não se serve, portanto, de recursos recorrentes na literatura angolana, como o humor ou a ternura, consequente de uma profunda empatia humana que pretendia, nas obras dos escritores a M. António contemporâneos, significar a união entre os elementos envolvidos, isto é, o escritor e o povo narrado, bem como uma necessidade, por parte dos autores, de construir uma linguagem literária fiel ao novo tema literário, o povo angolano.

A obra de M. António não deixa, por isso, de se incluir “no mesmo lado da canoa”, para usarmos um verso de Alda Espírito Santo, e é ponto fundamental no percurso de qualquer historiador ou estudioso da literatura e cultura angolana.